

Consumo de psicoestimulantes orais entre estudantes da área da saúde em uma instituição privada do DF: análise de seus efeitos adversos

Consumption of oral psychostimulants among health sciences students at a private institution in the Federal District: analysis of their adverse effects

Consumo de psicoestimulantes orales entre estudiantes del área de la salud en una institución privada del Distrito Federal: análisis de sus efectos adversos

Isabella de Almeida Cunha

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: bella.cunha@bol.com.br

Isabella Soares de Freitas

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: isafreitas19942@gmail.com

Maria Valentina Ladeira Salomão

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: mariavalentinasalomao@gmail.com

Rodrigo de Azevedo Meneses

Graduando em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: rodrigoam.email@gmail.com

Ana Luiza Barreto de Oliveira

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: lulu.barreto10@hotmail.com

Antônio Vitor Farias Martins

Graduando em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: antoniovitormartins@hotmail.com

Ana Flávia Moura Marques

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: ana.marques@sempreceub.com

Fernanda Magalhães Zendersky

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília - Distrito Federal, Brasil

E-mail: fernanda.zendersky@sempreceub.com

RESUMO

Trata-se de um estudo quantitativo-qualitativo, de caráter exploratório-descritivo, inicialmente planejado com 30 voluntários, mas realizado com 9 estudantes da área da saúde matriculados no UniCEUB, devido a dificuldades de recrutamento. Os participantes eram usuários regulares de psicoestimulantes orais em cápsula. A coleta de dados ocorreu durante 4 semanas, com aplicação de formulários online e avaliações presenciais. Foram analisados dados clínicos, como pressão arterial, frequência cardíaca e peso corporal, além dos padrões de sono pelo índice de Pittsburgh (PSQI-PT). Também foram investigados perfil sociodemográfico, posse de prescrição médica, frequência de uso e efeitos adversos. Os voluntários realizaram pré e pós-teste para monitoramento clínico e evolução dos sintomas. As substâncias mais utilizadas foram lisdexanfetamina e metilfenidato. Entre os efeitos adversos relatados destacaram-se alteração do apetite, taquicardia, insônia, tremores, ansiedade e alteração da libido. Observou-se variação hemodinâmica significativa entre os participantes. Quanto ao sono, a maioria não percebeu mudanças, embora o PSQI-PT tenha indicado piora discreta em alguns casos. Nem todos possuíam prescrição médica, e alguns relataram aumento progressivo da dose. Houve tendência de manutenção ou piora dos parâmetros clínicos. A comparação com pesquisas internacionais e nacionais revelou que, apesar dos benefícios relatados, o uso indiscriminado está associado principalmente a efeitos adversos. Ademais, estudos apontam que cérebros saudáveis não apresentam ganhos reais com o uso, reforçando que a suposta melhora pode estar associada a efeito placebo. Assim, a continuidade desse comportamento aumenta a vulnerabilidade a distúrbios neurológicos, psicológicos e cardiovasculares, comprometendo a saúde física e mental, exigindo estratégias de conscientização e acompanhamento clínico.

Palavras-chave: consequências, efeitos adversos, estudantes da área da saúde, psicoestimulantes.

ABSTRACT

This is a quantitative-qualitative, exploratory-descriptive study, initially planned with 30 volunteers, but conducted with 9 health sciences students enrolled at UniCEUB due to recruitment difficulties. The participants were regular users of oral psychostimulants in capsule form. Data collection took place over 4 weeks through online forms and in-person assessments. Clinical data such as blood pressure, heart rate, and body weight were analyzed, in addition to sleep patterns using the Pittsburgh Sleep Quality Index (PSQI-PT). Sociodemographic profile, possession of medical prescription, frequency of use, and adverse effects were also investigated. The volunteers underwent pre- and post-tests for clinical monitoring and symptom progression.

The most commonly used substances were lisdexamfetamine and methylphenidate. Reported adverse effects included appetite changes, tachycardia, insomnia, tremors, anxiety, and changes in libido. Significant hemodynamic variation was observed among participants. Regarding sleep, most participants did not perceive changes, although the PSQI-PT indicated slight worsening in some cases. Not all participants had a medical prescription, and some reported progressive dose increases. There was a tendency toward maintenance or worsening of clinical parameters. Comparisons with national and international studies revealed that, despite the reported benefits, indiscriminate use is mainly associated with adverse effects. Furthermore, studies indicate that healthy brains do not show real gains from the use of these substances, reinforcing that the perceived improvement may be related to a placebo effect. Thus, the continuation of this behavior increases vulnerability to neurological, psychological, and cardiovascular disorders, compromising physical and mental health and requiring awareness strategies and clinical monitoring.

Keywords: consequences, adverse effects, health sciences students, psychostimulants.

RESUMEN

Se trata de un estudio cuantitativo-cualitativo, de carácter exploratorio-descriptivo, inicialmente planificado con 30 voluntarios, pero realizado con 9 estudiantes del área de la salud matriculados en UniCEUB debido a dificultades de reclutamiento. Los participantes eran usuarios regulares de psicoestimulantes orales en cápsulas. La recolección de datos se llevó a cabo durante 4 semanas mediante formularios en línea y evaluaciones presenciales. Se analizaron datos clínicos como presión arterial, frecuencia cardíaca y peso corporal, además de los patrones de sueño mediante el Índice de Calidad del Sueño de Pittsburgh (PSQI-PT). También se investigaron el perfil sociodemográfico, la posesión de prescripción médica, la frecuencia de uso y los efectos adversos. Los voluntarios realizaron pruebas pre y post para el monitoreo clínico y la evolución de los síntomas. Las sustancias más utilizadas fueron lisdexanfetamina y metilfenidato. Entre los efectos adversos reportados destacaron alteraciones del apetito, taquicardia, insomnio, temblores, ansiedad y alteraciones de la libido. Se observó una variación hemodinámica significativa entre los participantes. En cuanto al sueño, la mayoría no percibió cambios, aunque el PSQI-PT indicó un leve empeoramiento en algunos casos. No todos los participantes contaban con prescripción médica, y algunos reportaron un aumento progresivo de la dosis. Se observó una tendencia al mantenimiento o empeoramiento de los parámetros clínicos. La comparación con estudios nacionales e internacionales reveló que, a pesar de los beneficios reportados, el uso indiscriminado está asociado principalmente a efectos adversos. Además, estudios señalan que los cerebros sanos no presentan beneficios reales con el uso de estas sustancias, reforzando que la supuesta mejoría puede estar relacionada con un efecto placebo. Así, la continuidad de este comportamiento aumenta la vulnerabilidad a trastornos neurológicos, psicológicos y cardiovasculares, comprometiendo la salud física y mental y exigiendo estrategias de concienciación y seguimiento clínico.

Palabras clave: consecuencias, efectos adversos, estudiantes del área de la salud, psicoestimulantes.

1 INTRODUÇÃO

As drogas psicoestimulantes são substâncias que atuam na inibição da recaptação de dopamina e noradrenalina na fenda sináptica, provocando alterações no funcionamento cerebral e, conseqüentemente, modificações no estado mental e no psiquismo dos indivíduos que as consomem. Essas medicações são amplamente prescritas no tratamento de patologias como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a narcolepsia e a apneia obstrutiva do sono (Nasário; Matos, 2022; Rego; Mendes; Machado, 2023). Entretanto, por atuarem diretamente no sistema de atenção e excitação, reduzindo a necessidade de sono e promovendo aumento da concentração, essas substâncias passaram a ser utilizadas, de forma crescente, por estudantes da área da saúde em busca de melhoria no desempenho acadêmico, mesmo na ausência de diagnóstico clínico que justifique seu uso (Nasário; Matos, 2022; Micoulaud-Franchi; Macgregor; Fond, 2014).

Esse comportamento se insere em um contexto mais amplo de desafios enfrentados por esses estudantes. O ingresso no ensino superior representa uma significativa transição social, marcada por cobranças crescentes e aumento das exigências acadêmicas. Tais características são frequentemente exacerbadas nos cursos da área da saúde, principalmente no de medicina, que é considerado um dos mais exigentes da formação universitária (Bassols *et al.*, 2008). Diante disso, muitos discentes acabam recorrendo ao uso de substâncias estimulantes com o objetivo de suportar a rotina exaustiva e maximizar seu rendimento (Milhomem; Silva; Reis, 2021; Rocha; Rocha; Leão, 2023).

Reforçando essa realidade, uma revisão integrativa com seis estudos apontou que os psicoestimulantes são frequentemente utilizados por acadêmicos de medicina como estratégia para aliviar o esgotamento mental decorrente da sobrecarga curricular, visando aprimorar o desempenho intelectual (Mincoff; Barretos; Jesus, 2025). As substâncias mais utilizadas nesse contexto incluem o metilfenidato (Ritalina®), cafeína, metilenodioximetanfetamina (MDMA), modafinil, piracetam, bebidas energéticas e anfetaminas (Micoulaud-Franchi; Macgregor; Fond, 2014; Milhomem; Silva; Reis, 2021). Os principais efeitos desejados pelos usuários são a melhora da concentração, o aumento do estado de alerta e o maior rendimento nos estudos (Minzenberg; Carter, 2008; Teter *et al.*, 2006).

Contudo, é importante destacar que muitos desses estudantes são saudáveis, sem diagnóstico clínico prévio que justifique o uso dessas substâncias. Recorrendo frequentemente à automedicação, compram esses estimulantes sem prescrição médica, expondo-se a riscos consideráveis (Dantas *et al.*, 2022; Menezes; Maia, 2021; Weyandt *et al.*, 2016). Essa prática, além de perigosa, ocorre sem acompanhamento de um profissional, o que pode potencializar os efeitos adversos e agravar o quadro de saúde mental, antes sadio, desses indivíduos. Entre os efeitos colaterais mais relatados, estão insônia, dor de cabeça, náuseas, perda de apetite, palpitações e boca seca (Milhomem; Silva; Reis, 2021). Em situações mais severas, os psicoestimulantes podem desencadear distúrbios neurológicos graves, além de promoverem dependência química, o que reforça a necessidade de fiscalização rigorosa quanto ao seu uso e evidencia a urgência de aprofundamento científico e de intervenções nesse cenário (Edwards; Arih; Hagson, 1981; Milhomem; Silva; Reis, 2021; Weyandt *et al.*, 2016).

Diversos estudos vêm contribuindo para a compreensão da magnitude do problema. Uma pesquisa realizada com 244 estudantes de medicina de uma instituição privada em Minas Gerais revelou que 57,4% dos participantes relataram terem utilizado psicoestimulantes. As substâncias mais consumidas foram cafeína (85%), energéticos (65%) e metilfenidato (60%). Os principais efeitos percebidos foram a melhora da concentração (97%), diminuição do sono (83%) e melhoria no raciocínio (80%) (Oliveira; Dutra; Fófano, 2023). Em outro estudo, envolvendo 310 estudantes do 1º ao 4º ano de medicina, 23,7% relataram o uso de psicoestimulantes, sendo o metilfenidato o mais utilizado (68,2%). Entre esses usuários, 22,1% faziam uso sem indicação médica, baseando-se principalmente em auto diagnóstico de TDAH (59,3%) ou na tentativa de melhorar o desempenho acadêmico (57%). A perda de apetite foi o efeito adverso mais citado (70,9%) (Alvarenga *et al.*, 2023). Revisão integrativa realizada por Alves *et al.* (2023) evidenciou, ainda, que o consumo dessas substâncias está associado a fatores como: maior tempo no curso, morar distante da família, tabagismo e sedentarismo.

Diante disso, o uso de psicoestimulantes entre estudantes universitários passou a ser considerado um problema de saúde pública. Essa tendência se confirma em um levantamento nacional realizado entre 2012 e 2022, envolvendo cinco faculdades de medicina, que apontou um aumento progressivo no uso de psicoestimulantes ao longo da graduação. No último ano do curso, a prevalência do consumo chegou a 68%, com destaque para cafeína, metilfenidato, modafinil, piracetam, energéticos e anfetaminas (Grando *et al.*, 2023). Complementando esses

achados, um estudo conduzido em Santa Catarina com 144 acadêmicos de medicina apontou prevalência de uso de 8,3% para anfetaminas, 13,2% para indutores do sono e 7,6% para ecstasy. Também foram observados altos índices de consumo de álcool (91%) e anti-inflamatórios (59%) associados (Garcia-Junior *et al.*, 2023).

Diante desse panorama, torna-se evidente a necessidade de aprofundar as investigações sobre o uso indevido de psicoestimulantes no contexto acadêmico, com foco na saúde mental dos estudantes, nos fatores que motivam esse comportamento e nas possíveis estratégias de prevenção e intervenção.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a incidência de efeitos adversos e as consequências do uso contínuo de psicoestimulantes orais entre os estudantes da área da saúde do Centro Universitário de Brasília (Uniceub) durante o período de 4 semanas.

Os objetivos específicos são:

1. identificar a incidência do consumo de psicotrópicos entre os estudantes da área da saúde do Uniceub;
2. identificar o perfil epidemiológico dos usuários;
3. analisar se as incidências são distintas nos diferentes semestres dos cursos;
4. analisar se os indivíduos apresentam ou não prescrição médica para aquisição, além de patologias base que justifiquem esse uso;
5. analisar os principais efeitos adversos relacionadas ao uso dessas substâncias;
6. demonstrar se houveram alterações no apetite, ansiedade, pressão arterial e/ou frequência cardíaca, além de ocorrência ou não de cefaleia durante o período avaliado;
7. avaliar possíveis alterações no sono utilizando o questionário validado de *Pittsburg* (Índice de qualidade do sono de Pittsburgh – versão portuguesa (PSQI-PT));
8. produzir um relatório com os dados coletados a fim de constatar as consequências do uso dessas drogas durante o período delimitado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DROGAS PSICOESTIMULANTES

As drogas que potencializam a cognição constituem um grupo de fármacos que atuam primariamente como estimuladores do sistema nervoso central, bloqueando transportadores dopaminérgicos e, conseqüentemente, aumentando a quantidade de dopamina na via mesocorticolímbica. Isso acarreta: excitação e euforia, potencializa a atividade motora e reduz a sensação de fadiga (Minnit *et al.*, 2021). Entre os estudantes, foi constatado um alto consumo de anfetaminas (Venvance®) e metilfenidato (Ritalina®), sendo que ambos atuam na elevação dos níveis de catecolaminas (dopamina) nas fendas sinápticas (Minzenberg; Carter, 2008; Teter *et al.*, 2006). Porém, as anfetaminas atuam na liberação de estoques intracelulares dessas substâncias, enquanto o metilfenidato age na inibição da recaptação das mesmas, bloqueando os transportadores de dopamina e noradrenalina (Whalen; Finkel; Panavelil, 2016).

Uma pesquisa realizada pela United Nations Office and Drugs and Crime (UNODC) revelou que o uso da anfetamina em pessoas saudáveis gera anormalidades na atividade cerebral devido à ação das monoaminas, as quais, quando em desequilíbrio, estão associadas a distúrbios emocionais e a doenças mentais, como depressão e dependência química (Francis *et al.*, 2022; Massaro *et al.*, 2017). Tal fato deve-se ao aumento da concentração e do tempo de ação dessas substâncias nas fendas sinápticas, podendo levar a delírio, confusão, psicose tóxica e alucinações, especialmente no uso indiscriminado (Whalen; Finkel; Panavelil, 2016).

A United States Drug Enforcement Administration (DEA) classificou essas drogas como medicamentos da categoria "Schedule II", ou seja, com alto risco de abuso e moderado risco de dependência química (Weyandt *et al.*, 2016). A interrupção brusca do uso pode causar síndrome de abstinência (Edwards; Arif; Hadgson, 1981). Por isso, são indicadas apenas mediante diagnóstico e prescrição médica. No entanto, essa prática nem sempre é seguida na realidade (Campos; Awelino; Romanichen, 2020). É importante lembrar que o metilfenidato e a lisdexanfetamina são classificados pela Anvisa como de "controle especial", sendo seu uso sem receita sujeito a sanções legais (ANVISA, 2023 *apud* Grando *et al.*, 2023).

De acordo com uma pesquisa realizada entre universitários em Flanders, na Bélgica, apenas 34,7% utilizavam essas substâncias com prescrição médica, enquanto 65,3% praticavam

automedicação (Sabbe *et al.*, 2022). Diversas estratégias são adotadas para obtenção ilícita dos medicamentos, como desvio de medicações de familiares, simulação de sintomas e compra por meio de colegas (Antunes; Freitas; Piva, 2021; Franco Alves; Pires de Aguiar; Zandonadi Lamas, 2021; Sharif *et al.*, 2021). Na UFBA, 75,5% dos entrevistados sabiam onde comprar metilfenidato sem receita (Cruz *et al.*, 2011). Estudo de Ramos *et al.* (2023) revelou que estudantes da área da saúde adquirem substâncias de venda livre, como cafeína e energéticos, e também medicamentos controlados via compartilhamento ou compra sem prescrição. De Oliveira e Guimarães Neto (2024) identificaram que 68% dos usuários obtinham metilfenidato sem receita. Isso se deve à facilidade de acesso, além da pressão acadêmica, os quais favorecem a automedicação e os riscos dela decorrentes (Alvarenga *et al.*, 2025).

Uma revisão integrativa indicou que os principais psicoestimulantes consumidos por estudantes da área da saúde foram cafeína, bebidas energéticas, metilfenidato e anfetaminas. O uso foi mais prevalente no 4º ano do curso, principalmente entre estudantes que saíram de sua cidade natal, tabagistas e sedentários, sendo considerado um problema de saúde pública (Araújo; Oliveira, 2023).

2.2 MOTIVAÇÕES PARA O USO

Os cursos da área da saúde são conhecidos por sua alta exigência acadêmica, carga horária intensa e cobrança constante. Nesse contexto, muitos estudantes recorrem aos psicoestimulantes buscando melhorias no desempenho acadêmico (Bassols *et al.*, 2008; Sabbe *et al.*, 2022). As principais motivações são a necessidade de se manter acordado por mais tempo, o aumento da concentração, lidar com jornadas duplas (trabalho-estudo) e compensar dificuldades cognitivas percebidas (García; Cevallos, 2014; Mincoff; Barretos; Jesus, 2018).

Uma pesquisa com estudantes universitários da Islândia identificou como fatores de risco: sexo masculino, sintomas de ansiedade e traços de TDAH (Francis *et al.*, 2022; Gudmundsdottir; Wetandt; Ernudottir, 2020; Weyandt *et al.*, 2016). Além disso, observou-se aumento no consumo conforme os estudantes avançam no curso. Um estudo da FURG mostrou crescimento de 25% no primeiro ano de medicina para 38% no quarto ano (Júnior *et al.*, 2021; Tolentino; Silva Netto, 2020). Há também um pico no consumo próximo às provas (Desantis; Webb; Noar, 2008).

Apesar da crença generalizada na eficácia dessas drogas, estudos apontam que o desempenho acadêmico não necessariamente melhora. Pelo contrário, alunos que nunca utilizaram psicoestimulantes apresentaram rendimento superior (Simões, 2025). Deganutti (2019) mostrou que muitos efeitos relatados podem estar ligados ao placebo. Um estudo da USP demonstrou que o metilfenidato não apresentou benefícios em cérebros saudáveis (Nasário; Matos, 2022), e, uma revisão sistemática com nove estudos, também não encontrou evidências suficientes para embasar seu uso com fins cognitivos (Faria *et al.*, 2022).

Por isso, muitos usuários acabam aumentando a dose ao longo do tempo na tentativa de alcançar o efeito desejado, o que eleva o risco de dependência. No Centro Universitário de Volta Redonda, 10,81% dos usuários relataram aumento na dosagem devido à diminuição da eficácia (Carneiro *et al.*, 2013). O ambiente universitário e a normalização do consumo também são fatores importantes (Grando *et al.*, 2023).

2.3 EFEITOS COLATERAIS

Assim como todo medicamento, os psicoestimulantes possuem efeitos adversos. Os mais comuns incluem insônia, agitação, tremores, náuseas, cefaleia, perda de apetite, dores abdominais, boca seca, hipertensão e palpitações (Antunes; Freitas; Piva, 2021; Netto *et al.*, 2018; Sharif *et al.*, 2021). Em casos mais graves, podem surgir confusão mental, transtornos obsessivos e dependência química (Andrade *et al.*, 2018; Paiva; Galheira; Borges, 2020). Também já foram relatados casos de intoxicação e morte associados ao uso indiscriminado, especialmente com uso concomitante de álcool, que foram relatados em 21% dos usuários habituais (Carlier *et al.*, 2019; Moraes *et al.*, 2024b). O uso combinado com álcool é comum e agrava os riscos (García; Cevallos, 2014).

Alberto *et al.* (2017) observaram que, apesar de 85% dos estudantes obterem os efeitos desejados, 59% relataram boca seca, insônia e palpitações. Em Ji-Paraná (RO), 61,54% dos estudantes que usaram tiveram sequelas, além de muitas complicações terem persistido mesmo após a interrupção da droga (Antunes; Freitas; Paiva, 2020; Nascimento *et al.*, 2019).

Alvarenga *et al.* (2023) relataram perda de apetite em 70,9% dos casos, consumo de álcool em 84,8%, uso de medicação para dormir (38,1%) e má qualidade do sono (14,2%). Miranda *et al.* (2024) destacou efeitos como cefaleia, taquicardia e irritabilidade, com o álcool sendo um

fator de agravamento. Moraes *et al.* (2024) reforçaram os efeitos psíquicos, como ansiedade, crises de pânico e depressão após a suspensão abrupta do uso. Uma revisão bibliográfica mostrou que o metilfenidato e a lisdexanfetamina têm alto potencial de abuso, especialmente entre estudantes do sexo masculino e sem prescrição médica, revelando um padrão de consumo preocupante (Simões, 2025).

Mesmo diante de tantos efeitos negativos, o consumo não diminui. Isso reforça a necessidade de ações institucionais de fiscalização, prevenção e conscientização (Tozzi *et al.*, 2020). Vasconcelos *et al.* (2023) destacaram, em revisão sistemática, o risco de dependência, efeitos neuropsiquiátricos e uso recreativo. O uso combinado de diversas substâncias – como cafeína, energéticos, ecstasy e metilfenidato – tende a aumentar o estresse ao invés de melhorar a performance (Oliveira; Dutra; Fófano, 2023). A permanência dos sintomas, mesmo após o fim do uso, alerta para um risco de dependência psicológica (Moraes *et al.*, 2024).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPIFICAÇÃO

O estudo tem como característica a natureza básica, objetivando contribuir para o aprimoramento do conhecimento científico já existente, esperando ser utilizado para fomentar a ciência (Ramos; Ramos; Busnello, 2022). Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, sendo usados dados numéricos e estatísticos sobre o grupo selecionado, a fim de obter conclusões sobre o tópico escolhido (Molina-Azorin, 2012). Além disso, o trabalho tem caráter descritivo exploratório, já que o desfecho foi feito pela análise de informações colhidas na pesquisa ativa.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi feita através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), mais especificamente pela criação de formulário na plataforma "Google forms", que foi distribuído através da rede social "Whatsapp" e e-mail para o público alvo. Ademais, também foi feito o estudo de forma presencial no campus do Uniceub na unidade da Asa Norte.

3.3 OBJETO DE ESTUDO

Estudantes da área da saúde matriculados no Centro Universitário de Brasília que fazem uso de psicoestimulantes orais há, pelo menos, 4 semanas.

3.4 MATERIAIS

Realizado a coleta de dados dos estudantes através de um formulário online, enviado individualmente para cada participante, além de uma coleta de informações presencialmente, por meio da realização de exame físico e aplicação de questionário validado para avaliação da qualidade do sono (Índice de qualidade do sono de *Pittsburgh* – versão portuguesa (PSQI-PT)).

3.5 DELIMITAÇÃO E UNIVERSO DA AMOSTRA

A amostra do presente estudo foi inicialmente idealizada para contemplar 30 (trinta) estudantes de medicina, matriculados na instituição de ensino "UniCeub" do Distrito Federal, que fazem o uso rotineiro de estimulantes orais em cápsula há, pelo menos, 4 semanas. Entretanto, devido às dificuldades enfrentadas durante o recrutamento dos voluntários ao longo de todo o período de coleta, houve uma ampliação do espaço amostral para os estudantes matriculados em todos os cursos da área da saúde. Mesmo com essa alteração, a presente pesquisa contou somente com a participação de 9 estudantes, selecionados de ambos os sexos, entre 18 a 30 anos de idade, de todos os semestres, do ano letivo de 2024/2025. Os voluntários foram recrutados por meio de convites abertos enviados pela internet em aplicativo de mensagem e por e-mail, por panfletos distribuídos no UniCeub e por pesquisa ativa de interessados no campus.

Para serem incluídos no estudo, os participantes tiveram que preencher o formulário online, enviado pela rede social "Whatsapp" e por e-mail, além de estarem fazendo uso rotineiro de pelo menos um psicoestimulante oral em cápsula há, no mínimo, 4 semanas, a fim de avaliar seu impacto na saúde humana. Todos os voluntários foram informados sobre os objetivos, os procedimentos, os possíveis riscos e os benefícios do estudo. Os mesmos foram submetidos à assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

3.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo de intervenção teve uma duração total de 4 semanas. Na primeira semana, foi aplicado um pré-teste aos 9 participantes, composto de: aferição da pressão arterial (PA), medição de frequência cardíaca (FC) e avaliação do peso corporal. Além disso, foi realizada uma caracterização de amostragem com cada participante, com coleta de dados individuais sobre: nome, idade, sexo, curso, semestre da graduação, horas de sono por dia, alteração da qualidade do sono, horas de estudo diárias, padrão do apetite e ocorrência de cefaleia. Especificamente sobre o psicoestimulante, foram coletadas as seguintes informações: qual medicamento em uso, sua dose, há quanto tempo o consome, se possui prescrição médica para a droga, se tem diagnóstico de doença que justifique o consumo, se observou efeitos colaterais, se está obtendo os resultados esperados com o uso e se precisou aumentar sua dose.

Após as 4 semanas, os voluntários foram submetidos a um pós teste, onde foram coletados os mesmos dados, a fim de realizar uma comparação dos resultados obtidos, ter uma visão mais abrangente dos fatores e gerar conclusões.

3.7 VARIÁVEIS HEMODINÂMICAS

Pré teste - Após um período de 5 minutos sentados, foram feitas duas medidas de PAS, PAD e FC, com intervalo de 1 minuto entre as mesmas, e foi utilizado o valor médio para caracterizar a PA e FC. Essas medidas foram realizadas com um Monitor de Pressão Arterial Automático Microlife Mesa Mam.

O indivíduo permaneceu sentado em uma cadeira com apoio de costas, com o braço esquerdo apoiado à altura do coração, os pés no solo e as pernas descruzadas. A braçadeira foi colocada em volta do braço, sobre a artéria braquial, com o bordo inferior cerca de 2,5 centímetros acima da fossa cubital anterior.

O Duplo Produto (DP) será analisado através da equação: $DP = FC \times PAS$ (Farinatti; Assis, 2000).

Pós teste - Foi verificada a frequência cardíaca e a pressão arterial sistólica e diastólica 10 e 15 minutos depois, conforme protocolo feito no pré teste. Além de realizada a análise de sono dos participantes.

3.8 PESO CORPORAL

A avaliação do peso corporal foi feita a partir de uma balança antropométrica mecânica de 2 kg, da marca Filizola de 150 kg de capacidade, com os participantes descalços e somente com peso da roupa. A medição foi realizada no pré e pós- teste.

3.9 FORMULÁRIO

O formulário foi desenvolvido na plataforma "Google forms", que foi disponibilizado quatro meses antes do início do experimento, através dos grupos de "Whatsapp" e por divulgação pelo e-mail institucional, além de ter sido feita busca ativa na universidade, inicialmente apenas para estudantes do curso de medicina e, posteriormente, para alunos de todos os cursos da área da saúde matriculados no Uniceub. A partir disso, foram selecionados os participantes, que fizeram parte dos experimentos presenciais, de acordo com os pré-requisitos amostrais.

3.10 AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO SONO

A avaliação da qualidade do sono foi feita através do Índice de Qualidade do Sono de *Pittsburgh* – versão portuguesa (PSQI-PT), um instrumento que visa coletar os principais dados sobre o sono do paciente no último mês. Cada indivíduo respondeu os itens com sua experiência subjetiva, sendo usada uma escala de 0 a 3 pontos, com a avaliação final feita a partir da pontuação global, que pode variar de 0 a 21 pontos. Quanto maior o valor final, pior a qualidade do sono.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguinte pesquisa contou com a participação de um total de 9 voluntários que estavam de acordo com os pré-requisitos amostrais. Em relação ao sexo dos participantes, 6 são mulheres (66,7%) e 3 são homens (33,3%), com idades entre 23 e 41 anos e peso corporal variando de 48 a 100 kg. A maioria dos voluntários (88,9%) era estudante de Medicina, e apenas 1 participante era do curso de Enfermagem. Em relação aos semestres da graduação, eles variaram do 3º ao 11º,

representando tanto alunos em fase inicial quanto em fase final da formação acadêmica. Esse perfil demonstra heterogeneidade no tempo de exposição ao ambiente universitário, mas também reflete que o uso de psicoestimulantes não está restrito a apenas um momento da formação, podendo ocorrer em diferentes fases do curso.

4.1 MEDICAMENTOS UTILIZADOS E PRESCRIÇÃO MÉDICA

Os fármacos relatados foram Metilfenidato (nas formas Ritalina®, Ritalina LA® e Concerta®), Lisdexanfetamina (Venvanse®) e, em um caso, o medicamento Juneve® (Lisdexanfetamina genérica). As doses variaram amplamente, de 5 mg de Metilfenidato em uso eventual, até 60 mg/dia de Ritalina em uso contínuo, além de doses entre 15 e 50 mg para Lisdexanfetamina.

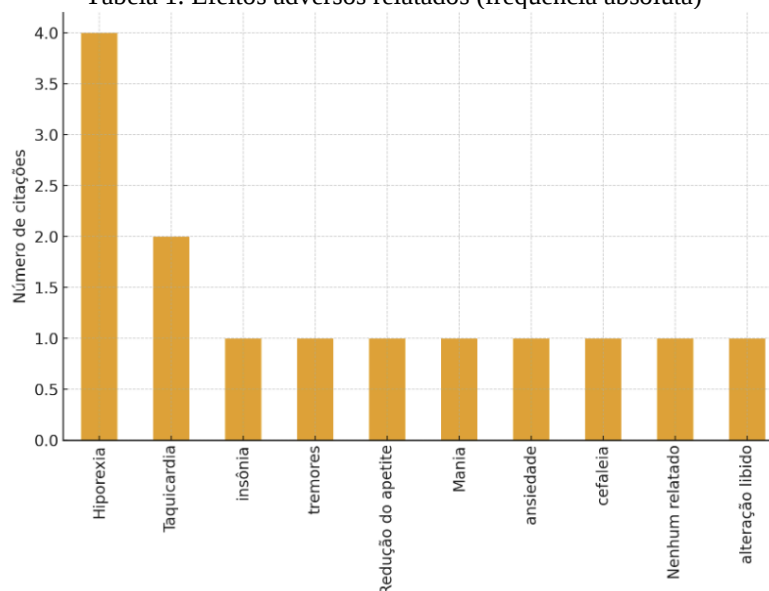
Em relação à prescrição, a maior parte dos participantes declarou utilizar o medicamento sob orientação médica, sendo parte considerada devido à diagnóstico prévio de TDAH, ou então em associação a outros transtornos, como ansiedade e transtorno depressivo recorrente. Entretanto, alguns participantes relataram uso pontual especificamente para potencializar os estudos em períodos de provas, prática caracterizada como automedicação, já que não havia ajuste médico da dose nem mesmo acompanhamento regular com um profissional. Esse achado reforça a literatura bibliográfica existente, que aponta que entre 22% e 65% dos estudantes obtêm psicoestimulantes sem prescrição médica, muitas vezes por compartilhamento de medicamentos entre colegas ou compra em farmácias sem receita (Cruz *et al.*, 2011; Sabbe *et al.*, 2022).

4.2 EFEITOS ADVERSOS RELATADOS

Os principais efeitos adversos identificados foram: alteração do apetite (66,7%), incluindo hiporexia e perda de peso; taquicardia (44,4%); insônia (33,3%); ansiedade e tremores (22,2%); cefaleia leve (22,2%); alteração da libido (1 caso). Esses resultados são consistentes com os descritos na literatura, na qual perda de apetite, insônia e palpitações aparecem como efeitos adversos mais prevalentes (Alvarenga *et al.*, 2023; Miranda *et al.*, 2024). Em um estudo com 310 estudantes de medicina, a perda de apetite foi relatada em 70,9% dos casos, percentual semelhante ao encontrado em nossa amostra (66,7%). A ocorrência de taquicardia e variação

hemodinâmica também foi observada. As medidas de pressão arterial variaram entre 93/67 mmHg e 132/77 mmHg, enquanto a frequência cardíaca oscilou de 71 a 103 bpm. Embora esses valores não configurem, isoladamente, hipertensão arterial, indicam sobrecarga autonômica em alguns usuários, especialmente naqueles que relataram taquicardia frequente. Esses achados dialogam com estudos internacionais que associam o uso prolongado de psicoestimulantes a maior risco de hipertensão e eventos cardiovasculares (Whalen; Finkel; Panavelil, 2016; Jama, 2021). Além disso, uma meta-análise que contou com análise de 10 ensaios clínicos, constatou que o uso prolongado desses medicamentos causa aumento do ritmo cardíaco em 5.7 bpm e da pressão sistólica em 2 mmHg (Mick; McManus; Golberg, 2013).

Tabela 1. Efeitos adversos relatados (frequência absoluta)

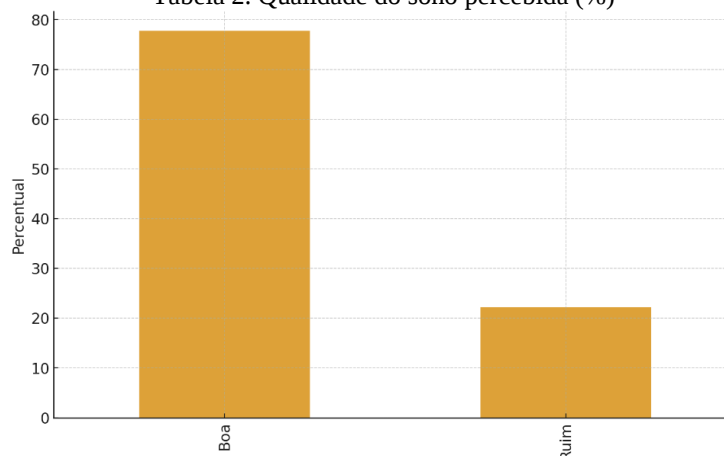


Fonte: Elaborada pelos próprios autores.

4.3 QUALIDADE DE SONO

A avaliação da qualidade do sono, realizada por meio de questionário baseado no PSQI-PT, revelou que, embora 66,7% dos participantes tenham declarado não perceber alterações significativas, os escores apontaram piora discreta na qualidade do sono em alguns casos. Dois participantes classificaram seu sono como “ruim”, enquanto os demais relataram qualidade “boa”. Os resultados mantiveram-se os mesmos entre os voluntários tanto no pré teste quanto no pós teste.

Tabela 2. Qualidade do sono percebida (%)



Fonte: Elaborada pelos próprios autores.

Houveram relatos frequentes de dificuldade para iniciar o sono (tempo médio > 30 minutos em alguns casos), além de despertares noturnos em até 3x por semana. Esses achados corroboram com a literatura, que associa o uso de metilfenidato e lisdexanfetamina à distúrbios do sono, especialmente insônia e sonolência diurna (Alberto *et al.*, 2017; Alvarenga *et al.*, 2023).

Curiosamente, 3 participantes relataram utilizar medicamentos para dormir de forma eventual, indicando que parte dos voluntários já recorre à farmacoterapia para manejar os efeitos adversos dos próprios psicoestimulantes. Esse dado é relevante pois evidencia um ciclo de medicalização que pode agravar a dependência química e aumentar riscos de interações medicamentosas.

4.4 COMPARAÇÃO COM OUTRAS PESQUISAS:

Os resultados obtidos neste estudo, ainda que em uma amostra reduzida, dialogam com diversas pesquisas nacionais e internacionais. Assim como observado por Oliveira; Dutra; Fófano (2023), os estudantes relatam percepção subjetiva de melhora da concentração e rendimento, mas os efeitos adversos foram predominantes, sobretudo relacionados ao apetite e sono. O padrão de uso sem prescrição em alguns casos repete achados de estudos brasileiros, que indicam prevalências de automedicação entre 22% e 68% dos usuários (Cruz *et al.*, 2011; De Oliveira; Guimarães Neto, 2024). A presença de taquicardia e oscilações hemodinâmicas confirma relatos da literatura sobre os riscos cardiovasculares a médio e longo prazo, especialmente em jovens saudáveis (Weyandt *et al.*, 2016; Francis *et al.*, 2022). A piora discreta

da qualidade do sono, mesmo entre aqueles que não a perceberam subjetivamente, também foi descrita por Alvarenga *et al.* (2023) e Moraes *et al.* (2024), que identificaram alta prevalência de má qualidade do sono em estudantes usuários de psicoestimulantes.

Os resultados evidenciam que, mesmo em um curto período de acompanhamento (4 semanas), foi possível observar alterações fisiológicas e efeitos adversos relevantes entre os participantes. Embora alguns tenham relatado benefício subjetivo em termos de concentração, os efeitos colaterais — principalmente hiporexia, insônia e taquicardia — foram predominantes, confirmando que os riscos superam os supostos ganhos cognitivos, conforme apontado por estudos que indicam ausência de melhora significativa em cérebros saudáveis (Nasário; Matos, 2022; Faria *et al.*, 2022).

Outro ponto relevante é que parte dos voluntários relatou necessidade de aumentar a dose ao longo do tempo, sinalizando risco de tolerância e dependência química. Esse padrão já foi descrito em outras instituições, onde até 10,8% dos usuários aumentaram a dosagem para manter o efeito (Carneiro *et al.*, 2013).

Por fim, cabe destacar as limitações da pesquisa: o número reduzido de participantes ($n=9$), a restrição a uma única instituição e o curto período de acompanhamento (4 semanas). Apesar disso, os achados refletem tendências bem documentadas na literatura e contribuem para reforçar a percepção do uso de psicoestimulantes como problema de saúde pública no meio acadêmico.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu uma análise aprofundada do uso de psicoestimulantes entre estudantes da área da saúde de uma instituição de ensino superior, revelando dados preocupantes quanto à prevalência, motivações, acesso, efeitos colaterais e ausência de acompanhamento médico no consumo dessas substâncias. Apesar do número reduzido de participantes ($n=9$), os resultados observados refletem uma tendência já bem documentada na literatura científica: a busca por melhor desempenho acadêmico tem levado muitos universitários ao uso rotineiro de medicamentos, como metilfenidato e lisdexanfetamina, frequentemente sem prescrição médica ou diagnóstico formal que justifique seu uso.

A pesquisa confirmou que os principais efeitos colaterais relatados — perda de apetite, insônia, taquicardia, ansiedade e cefaleia — são consistentes com os já descritos na literatura, reforçando os riscos do uso indiscriminado destes fármacos. Além disso, a oscilação nos parâmetros hemodinâmicos, especialmente os episódios de taquicardia, chama a atenção para o impacto fisiológico direto dessas substâncias em jovens saudáveis, indicando um potencial de risco cardiovascular a médio e longo prazo.

Do ponto de vista acadêmico e institucional, os dados obtidos evidenciam a pressão enfrentada pelos estudantes da área da saúde, especialmente do curso de medicina, que se sentem compelidos a recorrer a alternativas farmacológicas para manter o desempenho exigido. A maioria dos participantes declarou não possuir prescrição médica, reiterando o problema da automedicação e da facilidade de acesso a substâncias controladas, o que escancara uma falha no sistema de regulação e na conscientização sobre o uso racional de medicamentos.

Outro ponto importante foi a avaliação da qualidade do sono, por meio do PSQI-PT, que demonstrou piora nos padrões de sono dos estudantes, condizente com os efeitos estimulantes esperados dessas drogas. Tais alterações impactam negativamente a saúde mental, podendo contribuir para um ciclo de dependência e desgaste físico e psicológico, prejudicando justamente o desempenho acadêmico que se buscava melhorar.

Diante disso, é fundamental que sejam implementadas ações de conscientização sobre os riscos do uso indevido de psicoestimulantes, tanto no ambiente universitário quanto na sociedade em geral. Instituições de ensino superior devem promover programas de apoio psicológico, gerenciamento de estresse, orientação farmacológica e campanhas de educação em saúde. Além disso, políticas mais rígidas de controle na comercialização e fiscalização da prescrição desses medicamentos são essenciais para reduzir o acesso ilícito e a automedicação.

Embora o estudo tenha alcançado parcialmente seus objetivos devido à limitação da amostra, ele contribui de forma relevante para a discussão sobre o uso de substâncias estimulantes no contexto universitário e reforça a necessidade de pesquisas com maior abrangência amostral, longitudinalidade e aprofundamento das variáveis clínicas envolvidas.

Conclui-se que o uso de psicoestimulantes por estudantes universitários é um problema crescente, multifatorial e de saúde pública, que demanda atenção intersetorial entre instituições de ensino, órgãos reguladores e profissionais da saúde.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, M. S. I. *et al.* Uso de Metilfenidato entre Acadêmicos no Interior de Rondônia DOI: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i1.2963>. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 15, n. 1, p. 170–178, 23 abr. 2017.
- ALVARENGA, J. V.; FERNANDES, B. L. A.; MAIA, T. L.; GUIMARÃES, L. C.; CRUVINEL, A. R.; VIEIRA, B. C.; ALVES, L. P.; AZEVEDO, G. F. C. O Uso de psicoestimulantes entre estudantes de uma faculdade de medicina: prevalência e fatores associados. **Revista Foco**, [S. l.], v. 16, n. 9, p. e3118, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n9-099. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3118>. Acesso em: 11 jul. 2025.
- ALVES, S. P.; SOUZA, M. S.; ALEXANDRINO, A.; MARTINS, T. M.; ARAÚJO, S. M.; SOARES, M. das G. S.; DE ANDRADE, F. S. F.; DA COSTA NETO, A. M. Análise dos fatores preponderantes ao uso de estimulantes cerebrais por estudantes universitários: uma revisão integrativa. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [S. l.], v. 16, n. 10, p. 19855–19875, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.10-072. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2002>. Acesso em: 23 fev. 2025.
- ANDRADE, L. S., GOMES, A. P., NUNES, A. B., RODRIGUES, N. S., LEMOS, O., RIGUEIRAS, P. O., NEVES, R. R., SOARES, W. F. da S., FARIAS, L. R. Ritalina uma droga que ameaça a inteligência. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 7, n. 1, 7 jun. 2018.
- ANTUNES, J. D. O. S.; FREITAS, F. A. D.; PIVA, R. D. O Uso Inadequado de Cloridrato de Metilfenidato por Estudantes com Intuito de Aumentar Desempenho Cognitivo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 11, p. 431–443, 30 nov. 2021.
- BASSOLS, A. M. *et al.* A Prevalência de Estresse em uma Amostra de Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Clinical and Biomedical Research**, v. 28, n. 3, 20 nov. 2008.
- BECK, A. T. *et al.* An inventory for measuring clinical anxiety: Psychometric properties. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 56, n. 6, p. 893–897, 1988.
- CAMPOS, P. C.; AWELINO, J. F.; ROMANICHEN, F. M. D. F. Uso Indiscriminado de Ritalina por estudantes universitários do Norte do Paraná, Brasil/ Indiscriminate use of Ritalin by university students from Northern Parana, Brazil. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 14690–14696, 2020.
- CARLIER, J. *et al.* Use of cognitive enhancers: methylphenidate and analogs. **European Review for Medical and Pharmacological Sciences**, v. 23, n. 1, p. 3–15, jan. 2019.
- CARNEIRO, S. G.; PRADO, A. S. T.; DE JESUS ARAUJO, E. C.; MOURA, H. C.; STRAPASSON, J. F.; RABELO, N. F.; RIBEIRO, T. T. O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de Medicina. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, v. 8, n. 1 (Esp.), p. 53–59, 2013. DOI: 10.47385/cadunifoa.v8.n1 (Esp.).87.

CRUZ, Tarcisio C. S. C. *et al.* Uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia. **Gazeta Médica da Bahia**, v. 0, n. 1, 2011.

DANTAS, B. M. D. S. *et al.* Uso de psicoestimulantes na vida acadêmica: uma revisão integrativa / Use of psychostimulants in academic life: an integrative review. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 1, p. 3819–3827, 25 fev. 2022.

DEGANUTTI, D. **Motivos que levam o estudante de ensino superior a fazerem a utilização do metilfenidato**. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA), Ariquemes, 2019

DE OLIVEIRA, M. C. T.; GUIMARÃES NETO, A. C. Uso indiscriminado de medicamentos psicoestimulantes em estudantes. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 1440–1459, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n1-109. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/66362>. Acesso em: 23 fev. 2025.

DESANTIS, A. D.; WEBB, E. M.; NOAR, S. M. Illicit Use of Prescription ADHD Medications on a College Campus: A Multimethodological Approach. **Journal of American College Health**, v. 57, n. 3, p. 315–324, nov. 2008.

EDWARDS, G.; ARIF, A.; HADGSON, R. Nomenclature and classification of drug- and alcohol-related problems: a WHO Memorandum. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 59, n. 2, p. 225–242, 1981.

FARIA, J. C. M. *et al.* “Real-world” effectiveness of methylphenidate in improving the academic achievement of Attention-Deficit Hyperactivity Disorder diagnosed students—A systematic review. **Journal of Clinical Pharmacy and Therapeutics**, v. 47, n. 1, p. 6–23, jan. 2022.

FARINATTI, P. T. V.; ASSIS, B. F. C. B. Estudo Da Frequência Cardíaca, Pressão Arterial E Duplo-Produto Em Exercícios Contra-Resistência E Aeróbio Contínuo. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 5, n. 2, p. 5–16, 2000.

FRANCIS, A. R. *et al.* Outcomes and Predictors of Stimulant Misuse in College Students with and Without ADHD. **Journal of Attention Disorders**, v. 26, n. 5, p. 779–793, mar. 2022.

FRANCO ALVES, M.; PIRES DE AGUIAR, J.; ZANDONADI LAMAS, A. Estudo do uso de psicoestimulantes por acadêmicos de enfermagem. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, v. 11, n. 34, p. 287–295, 27 jun. 2021.

FREITAS, V. P.; MARQUES, M. S.; DUARTE, S. F. P. Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 12, n. 39, p. 25–37, 30 jan. 2018.

GARCÍA, R. S. E.; CEVALLOS, D. A. R. **Prevalencia de consumo de sustancias psicoestimulantes y factores asociados, para aumentar el rendimiento académico, en**

estudiantes de primero a décimo nivel de la Facultad de Medicina de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador, desde Noviembre de 2013 a Enero de 2014. 2014. Disertación Previa a la Obtención del Título de Médico Cirujano - Pontificia Universidad Católica del Ecuador, Quito, 2014.

GUÐMUNDSDÓTTIR, B. G.; WEYANDT, L.; ERNUÐÓTTIR, G. B. Prescription Stimulant Misuse and ADHD Symptomatology Among College Students in Iceland. **Journal of Attention Disorders**, v. 24, n. 3, p. 384–401, fev. 2020.

GRAÇA, C. S. G. da. **Consumo de estimulantes cerebrais nos estudantes de Medicina da Universidade da Beira Interior.** 2013. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Medicina - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013.

GRANDO, Cláudia Francisca; DE SOUSA, Patrick Costa; PINCULIN, Ana Paula Gonçalves; *et al.* Uso de substâncias psicoestimulantes entre estudantes de medicina no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista ft.** 2023. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/8136486>>. Acesso em: 10 set. 2025.

JÚNIOR, R. C. M. *et al.* Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: Resultados de um estudo de painel. **Scientia Medica**, v. 31, n. 1, p. e38886–e38886, 31 ago. 2021.

LAKHAN, S. E.; KIRCHGESSNER, A. Prescription stimulants in individuals with and without attention deficit hyperactivity disorder: misuse, cognitive impact, and adverse effects. **Brain and Behavior**, v. 2, n. 5, p. 661–677, set. 2012.

MASSARO, L. T. S. *et al.* Amphetamine-type stimulant use and conditional paths of consumption: data from the Second Brazilian National Alcohol and Drugs Survey. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 39, n. 3, p. 201–207, 6 jul. 2017.

MENEZES, J. W. R. D.; MAIA, J. L. F. Uso de metilfenidato nos estudantes da graduação de medicina em universidades brasileiras: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 25, p. e7616, 21 maio 2021.

MICOULAUD-FRANCHI, J.-A.; MACGREGOR, A.; FOND, G. A preliminary study on cognitive enhancer consumption behaviors and motives of French Medicine and Pharmacology students. **European Review for Medical and Pharmacological Sciences**, v. 18, n. 13, p. 1875–1878, 2014.

MICK, E.; McMANUS, D. D.; GOLDBERG, R. J. Meta-analysis of increased heart rate and blood pressure associated with CNS stimulant treatment of ADHD in adults. **European Neuropsychopharmacology**, [S. l.], v. 23, n. 6, p. 534-541, jun. 2013. DOI: 10.1016/j.euroneuro.2012.06.011.

MILHOMEM, T. A.; SILVA, D. C. C. D.; REIS, R. H. S. O uso de substâncias psicoestimulantes entre acadêmicos: uma revisão integrativa. **Scire Salutis**, v. 12, n. 1, p. 62–73, 2 out. 2021.

MINCOFF, R. C. L.; BARRETOS, R. DE A.; JESUS, M. V. Uso De Psicoestimulantes Por Acadêmicos De Medicina: Uma Revisão Integrativa. **Revista Uningá**, v. 55, n. 4, p. 177–186, 17 dez. 2018.

MINNITI, G. *et al.* O consumo de drogas psicoestimulantes entre estudantes de medicina / The consumption of psychostimulating drugs among medicine students. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 4, p. 17912–17921, 20 ago. 2021.

MINZENBERG, M. J.; CARTER, C. S. Modafinil: A Review of Neurochemical Actions and Effects on Cognition. **Neuropsychopharmacology**, v. 33, n. 7, p. 1477–1502, jun. 2008.

MIRANDA, A. P. V.; SEIXAS, M. C. de A.; PEREIRA, A. S. R. Uso de drogas de desempenho entre estudantes de medicina de Brasília: uma análise quantitativa. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. e4499, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n2-113. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4499>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MOLINA-AZORIN, J. F. Mixed Methods Research in Strategic Management: Impact and Applications. **Organizational Research Methods**, v. 15, n. 1, p. 33–56, jan. 2012.

MORAIS, Mariana Melo De; OLIVEIRA, Daniela Dutra De; CASTÔR, Karoline Sampaio; *et al.* Desafios e riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes entre universitários: impactos, métodos e prevenção. **Europub Journal of Health Research**, v. 5, n. 2, p. e5034, 2024. Disponível em: <<https://ojs.europubpublications.com/ojs/index.php/ejhr/article/view/5034>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MORGAN, H. L. *et al.* Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, p. 102–109, mar. 2017.

NASÁRIO, B. R.; MATOS, M. P. P. Uso Não Prescrito de Metilfenidato e Desempenho Acadêmico de Estudantes de Medicina. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e235853, 16 fev. 2022.

NASCIMENTO, C. S. do *et al.* Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 6, p. 367–373, 27 nov. 2019.

NETTO, R. *et al.* Incidence of Non Prescribed Use of Methylphenidate among Medical Students. **Revista del Instituto de Medicina Tropical**, v. 13, n. 1, p. 17–23, 30 jun. 2018.

OLIVEIRA, Fabiana Souza; DUTRA, Hadassa Franca; FÓFANO, Gisele Aparecida. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás *Cândido Santiago***, v. 9, 2023. Disponível em: <<https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/684/352>>. Acesso em: 10 julho. 2025.

PAIVA, G. P.; GALHEIRA, A. F.; BORGES, M. T. Psicoestimulantes na vida acadêmica: efeitos adversos do uso indiscriminado. **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, v. 8, n. 11, 4 jun. 2020.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa**: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese. 2022.

REGO, R. D. A. M.; MENDES, M. E. S.; MACHADO, Y. D. C. O uso indiscriminado de psicoestimulantes para melhora do desempenho acadêmico por estudantes saudáveis. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, p. e10512239958, 23 jan. 2023.

ROCHA, P. F. L. da.; ROCHA, Y. R.; LEÃO, N. M. L. Risks of using Ritalin without therapeutic indication. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 4, p. e17112441110, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i4.41110. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/41110>. Acesso em: 3 may. 2024.

RODRIGUES, L. D. A. *et al.* Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 29, n. 4, p. 463–473, dez. 2021.

SABBE, M. *et al.* Use and misuse of prescription stimulants by university students: a cross-sectional survey in the french-speaking community of Belgium, 2018. **Archives of Public Health**, v. 80, n. 1, p. 54, dez. 2022.

SANTOS, D. D.; LOPES, J. D. S. A.; PAIXÃO, J. A. D. O Uso Abusivo Do Metilfenidato: Uma Corrida Ilegal Pela Inteligência Entre Os Universitários Do Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 6, p. 1847–1860, 7 jul. 2022.

SCHUINDT, A.; MENEZES, Vitória C.; ABREU, C. R. de C.. As consequências do uso da ritalina sem prescrição médica. **Revista Coleta Científica**, Brasília, v. 5, n. 10, p. 28–39, 2021.

SHARIF, S. *et al.* The Use and Impact of Cognitive Enhancers among University Students: A Systematic Review. **Brain Sciences**, v. 11, n. 3, p. 355, 10 mar. 2021.

SIQUEIRA, K. X. DE. Uso do metilfenidato por crianças, adolescentes e adultos jovens e seus fatores relacionados: uma revisão integrativa. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia, Curso de Bacharelado em Farmácia, Centro de Educação e Saúde, **Universidade Federal de Campina Grande**, Campina Grande, 11 ago. 2022.

SOUZA, Eduardo Oliveira Neves; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. Uso indiscriminado de psicoestimulantes para estudantes universitários. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 3442–3457, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i9.11516. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11516>. Acesso em: 23 fev. 2025.

TETER, C. J. *et al.* Illicit Use of Specific Prescription Stimulants Among College Students: Prevalence, Motives, and Routes of Administration. **Pharmacotherapy**, v. 26, n. 10, p. 1501–1510, out. 2006.

TOLENTINO, J. E. de F.; SILVA NETTO, J. P. da. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. **Comunicação em Ciências da Saúde**, Brasília, v. 30, n. 01, 2020.

TOZZI, Ligiane Vilela; AMORIM, Maria Paula Vecchi; VELLOSO, Rafaela Silva Martins; SANTOS, Gêrsika Bitencourt. Uso de psicoestimulantes em estudantes do curso de Odontologia de uma universidade privada do sul de Minas Gerais . **VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde**, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 98–106, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/11793>. Acesso em: 23 fev. 2025.

VIANA, J. L. R. .; RAMALHO, M.P. O. S .; DA SILVA, M. H. .; SOARES, Y. D. B .; BRAGA, C. C. A.; CABRAL, L. D. M . Uso de psicoestimulantes de venda livre por estudantes universitários da área da saúde. **Revista Científica FACS**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 80–93, 2023. Disponível em: <https://periodicos.univale.br/index.php/revcientfacs/article/view/612>. Acesso em: 23 fev. 2025.

WEYANDT, L. L. *et al.* Prescription stimulant medication misuse: Where are we and where do we go from here? **Experimental and Clinical Psychopharmacology**, v. 24, n. 5, p. 400–414, out. 2016.

WHALEN, K.; FINKEL, R.; PANAVELIL, T. A. **Farmacologia ilustrada**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.